AS NECESSIDADES ESPECTACULARES

O furor dos tempos modernos



Kurt Schwitters foi, como se sabe, o pai de Merz. Mas Kurt Schwitters/é também o meu pai. Merz nasceu em 1918. E eu também. Sendo assim, somos irmãos (...). Nunca descobri se Merz era, afinal, masculino ou feminino. Em todo o caso, crescemos juntos, habituámo-nos um ao outro, compreendemo-nos mutuamente.

O Museu do Chiado exibe, presentemente, a colecção Ernst Schwitters, controversamente denominada "Furor Dada" e representativa do que Kurt Schwitters chamou de 'Arte Merz'.

Como muito bem sintetizam Lola e Bengt Schwitters, no seu texto de homenagem a Ernst Schwitters, "Furor Dada" é, no fundo, o legado de Ernst Schwitters e "(...) constitui tanto uma homenagem à arte do século XX, como à posição importante que Kurt Schwitters ocupa em tal contexto; mas constitui também uma homenagem ao próprio Ernst Schwitters: ao amor que pela arte sentiu durante toda a sua vida e ao trabalho e interesse que dedicou, durante anos e anos, ao seu pai, Kurt Schwitters*.

Sem pretensão de nos substituirmos aos críticos de arte e, muito menos, completá-los, é certo que parece haver consenso quanto a tratar-se de um acervo da maior importância, e bem representativo das vanguardas estéticas do Norte da Europa, durante as décadas de 20 e 30, sobretudo:

A exposição "Furor Dada" permite, em paralelo, ter acesso aos trabalhos de Kurt Schwitters, artista e pai do coleccionador e fotógrafo, Ernst, este, que se diz "irmão de Merz* e continuador do espírito de "assemblage", junção e comunicação do múltiplo, do inesperado e do diferente, de tal forma que Markus Heizelmann, um dos comissários da exposição, escreve, no catálogo: "Como coleccionador, Ernst Schwitters baseou-se no conceito de arte do pai: a sua colecção organiza-se como uma colagem, criando um quadro de conjunto harmoniosamente concebido e que se constrói da diversidade e da multiplicidade das peças que o compoem."

Kurt Schwitters é uma figura incontornável e de singular importância nas vanguardas estéticas euro-

peias do princípio do século, já que introduziu a colagem (e aqui foi, provavelmente, iniciado por Hans Arp, a partir de uma técnica utilizada por Picasso) com um novo sentido, correspondendo, em larga medida, às expectativas e dinâmica da industrialização. É também considerado um precursor da "Pop Art", tendo os seus trabalhos influenciado artistas tão diversos como Raushenberg ou Sá Nogueira.

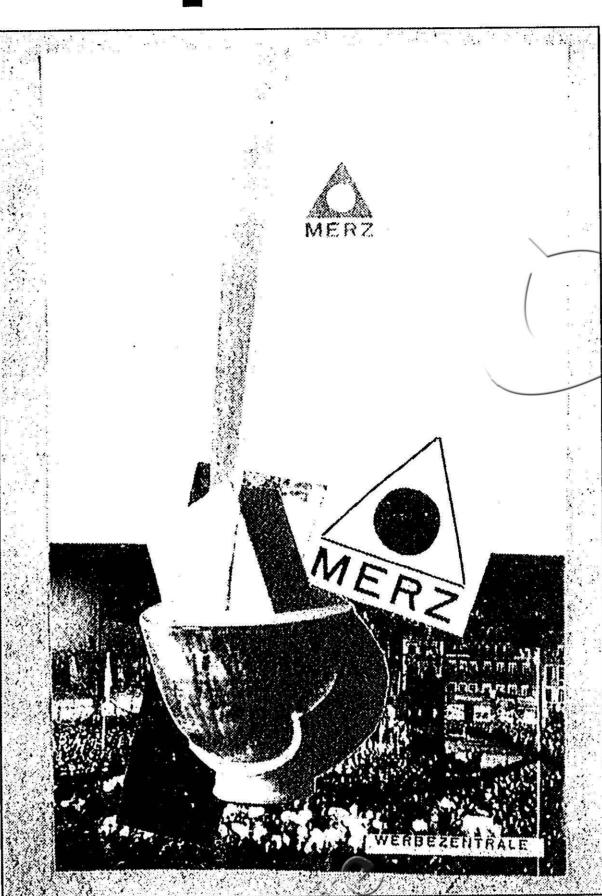
Faz, aliás, todo o sentido procurar analogias entre a obra de Kurt Schwitters, o seu eclectismo e os diferentes artistas representativos da modernidade internacional (caso de Der Sturm, da Internacional Construtivista, dos Construtivistas Russos e do movimento "Abstraction-Création"), que reflèctem já alterações profundas à noção tradicional de composição, e o próprio construtivismo redesenha as máquinas, fantasia urbanidades e artefactos, explora grafismos, esquematismos e linhas dinâmicas, que vão ao encontro dos novos contextos sociais de produção.

São estas as perspectivas que julgamos dignas de realce, já que preludiam a chegada de um novo ciclo industrial, de novos rumos da energia eléctrica, da hidráulica, a consagração da investigação física e química, a intromissão subversiva de materiais até então inexplorados (como Kurt Schwitters exponencia, nas suas colagens, pelo uso de bilhetes de transporte, cartões, embalagens, recortes...) enfim, todo o ciclo industrial da exaltação da velocidade, das novas fábricas, dos novos produtos e imperativos do mercado de consumo e, acima de tudo, assiste-se a uma linha de ruptura com uma construcão artística, onde até então predominavam, quer elementos da natureza, quer a própria atmosfera burguesa. A arte passa a ser o espelho do industrialismo e da aceleração urbana.

Concretamente, onde reside a originalidade da arte de Kurt Schwitters, que o visitante pode admirar no Museu do Chiado?

Elementos heterogéneos

Lê-se no importante catálogo de "Furor Dada" que "Schwitters utilizava para as suas colagens materiais encontrados, como papéis de rebuçados, bilhetes de transporte, recortes de jornais, pedaços de corda e outros resíduos. Embora a sua utilização destes materiais heterogéneos tenha sido interpretada como um grito de protesto ou gesto revolucionário, a intenção de Schwitters traduziu-se antes numa procura de clareza e harmonia na composição. (...) Neste processo,



Schwitters procedeu a uma fetichização dos objectos desMERZando-os, isto é, atribuiu a determinados elementos centrais das suas colagens e "assemblages" uma certa importância mágica".

Olhe o leitor para esta ilustração e tome a palavra MERZ: a arte MERZ constitui a variante pessoal de Kurt Schwitters para o Dadaismo, movimento introduzido por Hans Arp, em Berlim, imediatamente após a Primeira Guerra. Como ainda se refere, O princípio da colagem MERZ, a junção de elementos heterogéneos numa cómposição estetizante, em que a relação dos elementos uns com os outros adquire um papel tão importante como o papel dos próprios elementos, foi também um princípio de vida para o próprio. Kurt Schwitters".

Este espírito MERZ (designação de tipo dadaísta, encontrada num pedaço de papel, e que, doravante, passará a referir todos os seus trabalhos), de colagem, de associação e de comunicação das diferencas está, como se disse, também presente na organização da colecção de Ernst Schwitters.

MERZ é um conceito interdisciplinar, um princípio aglutinador que articula, inspirado no modelo de

"Der Sturm", uma revista, grafismo, poesia, desenho, colagem, ensaio, publicidade, divulgação de outras correntes de vanguarda, e foi, desde o início, um movimento de uma só pessoa (o próprio Kurt Schwitters, por vezes, assinava "MERZ").

Correntes estéticas

MERZ, unindo vida e arte, foi também parte da casa da família em Hanôver (o primeiro "MERZbau"), dita ser uma "espécie de obra de arte total romântica, com contornos de catedral, expressiva nas formas, espaço de trabalho, quarto de dormir, altar, obra de arte e espaço de diversão transformados num todo."

Aí se dispunham, numa espécie de delírio dadaísta ou quase surrealista, fotografias, obras de Kurt Schwitters e de artistas amigos, constantemente trocadas, resíduos transformados, relíquias (como cabelos, vestuário, uma garrafa da sua própria urina, etc.).

A par da exposição que anuncia os primórdios da sociedade de consumo, está também patente, no Museu do Chiado, uma pequena selecção de fotogramas e fotografias de Ernst Schwitters, que evidenciam o talento para a composição de pendor abstractizante e para a

serialidade, reflectindo-se, na obra fotográfica de Ernst, a fortissima influência da arte de Kurt Schwitters, bem como de Man Ray, que iniciou Ernst na fotografia, e que trabalhava com fotogramas, ficando celebrizado por utilizar, sobretudo, pequenos objectos de contornos bem definidos, e dispondo-os na câmara escura, directamente sobre o papel fotossensível.

Recomenda-se ao visitante que se/documente sobre as prodigiosas peças exibidas no Museu do Chiado quanto à Colecção Ernst Schwitters, para entender os nexos entre os diferentes artistas de "Der Sturm", a Internacional Construtivista, os Construtivistas Russos e o movimento "Abstraction-Création" (os núcleos da exposição), seguramente algumas das correntes estéticas mais surpreendentes de que há notícia, e que o grande público português desconhece.

A par de tudo isto, uma igualmente prodigiosa e pungente história de profunda ternura entre pai e filho, uma fuga de ambos da Alemanha nazi (tendo sido a arte de Kurt Schwitters classificada, pelos nazis, como "arte degenerada" e, consequentemente, proscrita), um exílio na Noruega e posterior fuga para Inglaterra, onde Kurt Schwitters virá a morrer, praticamente esquecido. Há ainda o episódio da venda da colecção de Kurt Schwitters, pelo filho, nos anos sessenta, e, anos mais tarde, a constituição de nova colecção de Ernst Schwitters, a par da reabilitação e estudo da obra de seu pai.

Obra a obra, o visitante confrontar-se-á com correntes estéticas que exaltaram a industrialização, à margem do expressionismo, do cubismo e futurismo.

Em suma, ao olhar estas estruturas de relevo, geometrismos, sabe-se lá se símbolos, "puzzles", máquinas de forma redonda e angular, configurações biomórficas, somos forçados a interpelar o deslumbramento face à iluminação, à apologia dos mecanismos, enfim, percorre-se esta belíssima exposição e sente-se o pulsar da dinâmica que irá introduzir os elementos constitutivos da organização da sociedade de consumo, a partir dos anos 50.

Por conseguinte, uma exposição a não perder, para todos os que procuram as raízes da atracção pelas novas formas e até pelos artefactos da comunicação publicitária. Basta olhar a ilustração de hoje, de Kurt Schwitters, e toma-se inteligível uma importantíssima fonte da nossa contemporaneidade.

As gorduras alimentares (I)

EMÍLIO PERES (*)

é preciso cozinhar e temperar com pouca gordura ou, sempre que possível, sem nenhuma; preferir carnes e peixes limpos de pele e gørdura visível ou, então, já de si magros; e temer os produtos processados de salsicharia, cafetaria e pastelaria, porque têm muita gordura escondidal

Também dissemos que as pessoas sedentárias devem exercitar diariamente os seus músculos; pelo menos, caminhar uns quilómetros. E referi-

mos, além destes cuidados bons para a saúde, como é importan-Dissemos no artigo anterior que te não comer para além do indispensável, porque o organismo transforma em gordura as calorias em excesso, sobretudo as fornecidas por bebidas alcoólicas e por bebidas e guloseimas açucaradas.

> No entanto, precisamos de uma certa quantidade de gordura alimentar, tal como precisamos de amidos, proteínas e todas as demais classes de nutrimentos. A questão é que o organismo passa bem com cerca de 10 gramas de ácidos gordos essenciais, indispensáveis para o

seu funcionamento, e armazena ou transforma toda a quantidade. que não engrena nas cascatas metabólicas que o mantêm vivo.

Portanto, coloca-se a questão da qualidade. Mas serão iguais todas as gorduras? Não são.

A alimentação tradicional dos portugueses, tal como a dos povos mediterrânicos, era muito equilibrada quanto à naturezadas gordurás e à proporção e quantidade em que se usavam. No entanto, desde a Segunda Guerra Mundial, os hábitos de comida no Sul da Europa deram uma grande volta, mercê da pressão de venda de novas gorduras (óleos, margarinas e concretos para uso na indústria alimentar), da comida e dos produtos prontos promovidos pelas empresas transnacionais do sector e da adopção de novas práticas alimentares, apressadas e desestruturantes, impostas pelas novas condições de trabalho (almoçar fora, etc.) e pelo enfraquecimento da cozinha doméstica (em vez de jantar, "umas coisitas").

No que respeita à quantidade de óleos e gorduras, o consumo médio diário "per capita" saltou Vtar. de 55 gramas, em 1970, para 85. em 1995. E isso é só uma Médico endocrinologista

parte do consumo total gordo, porque, entretanto, subin em flecha a procura de produtos processados, sucessivamente mais engordurados.

Compare-se com as recomendações: 50 a 75 gramas diários totais para o homem e 40 a 60 gramas para a mulher!

Outra questão é a de que as gorduras hoje mais usadas são menos saudáveis do que há uns anos.

Falaremos proximamente dos vários tipos de gordura alimen-

and the second of the second o